

JOSÉ ORTEGA Y GASSET

LIÇÕES de METAFÍSICA

Tradução de Felipe Denardi



SUMÁRIO

Lições de metafísica
José Ortega y Gasset
1ª edição — julho de 2019 — CEDET
Copyright © by CEDET
Título original: *Unas lecciones de metafísica*
Copyright © by Herederos de Ortega y Gasset, 2018

Os direitos desta edição pertencem ao
CEDET – Centro de Desenvolvimento Profissional e Tecnológico
Rua Armando Strazzacappa, 490
CEP: 13087-605 – Campinas, SP
Telefone: (19) 3249-0580
e-mail: livros@cedet.com.br

Editor:
Thomaz Perroni

Tradução:
Felipe Denardi

Revisão e preparação:
Vitorio Arnelin

Capa:
Mariana Kunii

Diagramação:
Virgínia Moraes

Conselho editorial:
Adelce Godoy
Cesar Kyn d'Avila
Sívio Grimaldo de Camargo

FICHA CATALOGRÁFICA

Ortega y Gasset, José
Lições de metafísica / José Ortega y Gasset; tradução de Felipe Denardi. – Campinas, SP:
Vide Editorial, 2019.

ISBN: 978-85-9507-066-0

1. Filosofia moderna – Ensaios. 2. Ensaios e estudos filosóficos.
I. Autor. II. Título.

CDD – 190.2 / 501.01

ÍNDICE PARA CATALOGO SISTEMÁTICO

1. Filosofia moderna – Ensaios – 190.2
2. Ensaios e estudos filosóficos – 501.01

VIDE Editorial – www.videeditorial.com.br

Reservados todos os direitos desta obra.

Proibida toda e qualquer reprodução desta edição por qualquer meio ou forma, seja ela eletrônica ou mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer outro meio de reprodução, sem permissão expressa do editor.

Nota preliminar 7

LIÇÕES DE METAFÍSICA

Aula I	13
Aula II	33
Aula III	55
Aula IV	73
Aula V	93
Aula VI	113
Aula VII	121
Aula VIII	129
Aula IX	145
Aula X	153
Aula XI	161
Aula XII	171
Aula XIII	183
Aula XIV	193

ANEXOS

Teses para um sistema de filosofia	209
Ensimismar-se e alterar-se	219

AULA I

[A falsidade do estudo — A metafísica e sua necessidade — Antagonismo entre o estudante e o criador da ciência — Curiosidade e preocupação — A tragédia da pedagogia — Cultura sem raízes: rebarbaramento — Pergunta e resposta — O "fazer" e a justificação da metafísica]

Espero que durante este curso vocês entendam perfeitamente a primeira frase que, depois desta, vou enunciar.¹ A frase é esta: nós vamos estudar metafísica, e isso que vamos fazer é, a princípio, uma falsidade. Pode parecer, à primeira vista, algo estupefaciente, mas o estupor que produz não tira à frase sua dose de verdade. Com essa frase — notem bem — não se diz que a metafísica seja uma falsidade: ela não se refere à metafísica, mas ao fato de nós nos propormos a estudá-la. Não se trata, pois, da falsidade de um ou de muitos dos

¹ [As primeiras páginas desta aula foram publicadas por Ortega sob o título de *Sobre el estudiar y el estudiante*, *Obras completas*, vol. IV, 1947].

nossos pensamentos, mas da falsidade de um fazer nosso — do que vamos fazer agora: estudar uma disciplina. Porque isso que eu afirmei não vale apenas para a metafísica, senão só eminentemente para ela. Segundo isso, estudar seria, em geral, uma falsidade.

Não parece que tal frase e semelhante tese sejam as mais oportunas para serem ditas por um professor aos seus discípulos, sobretudo no começo de um curso. Pode-se dizer que equivalam a recomendar a ausência, a fuga, a irem e não voltarem mais. Logo veremos isso: veremos se vocês vão embora e se não voltam *porque* eu comecei enunciando tamanha enormidade pedagógica. Talvez aconteça o contrário — talvez aconteça que essa inaudita afirmação lhes interesse. Antes de acontecer uma coisa ou outra — antes de vocês resolverem ir embora ou ficar —, vou esclarecer seu significado.

Eu não disse que estudar seja apenas uma falsidade; é possível que contenha facetas, lados, ingredientes que não sejam falsos, mas basta-me que alguma dessas facetas, lados ou ingredientes constitutivos do estudar seja falso para que meu enunciado possua a sua verdade.

Ora, isso me parece indiscutível. Por uma simples razão: as disciplinas, seja a metafísica ou a geometria, existem, estão aí porque certos homens as criaram graças a um tremendo esforço, e se despenderam este foi porque precisavam daquelas disciplinas, porque tinham necessidade delas. As verdades que elas contêm foram encontradas originariamente por

um homem e logo repensadas ou reencontradas por outros, que sobreuseram seu esforço ao do primeiro. Mas se as encontraram é porque as buscaram, e se as buscaram é porque tinham necessidade delas. E se não as tivessem encontrado teriam considerado fracassadas as suas vidas. Se, ao contrário, encontraram o que buscavam, é evidente que isso que encontraram se adequava à necessidade que sentiam. Isso, que é óbvio, é contudo muito importante. Dizemos que encontramos uma verdade quando achamos certo pensamento que satisfaz uma necessidade intelectual previamente sentida por nós. Se não nos sentimos necessitados desse pensamento, ele não será para nós uma verdade. Verdade é, portanto, aquilo que aquieta uma inquietude de nossa inteligência. Sem esta inquietude não é possível aquele aquietamento. Do mesmo modo dizemos que encontramos a chave quando achamos o preciso objeto que nos serve para abrir um armário, de cuja abertura temos necessidade. A precisa busca se acalma no preciso encontro: este é função daquela.

Generalizando a expressão, teremos que uma verdade não existe propriamente senão para quem tem necessidade dela; que uma ciência não é tal ciência senão para quem a busca com afã; enfim, que a metafísica não é metafísica senão para quem necessita dela.

Para quem não necessita, para quem não a busca, a metafísica é uma série de palavras, ou, se quiserem, de idéias, que, ainda que se creia tê-las entendido

uma a uma, carecem definitivamente de sentido; isto é: para entender verdadeiramente algo, e sobretudo a metafísica, não faz falta ter aquilo que se chama de talento nem possuir grandes conhecimentos prévios — o que faz falta, ao contrário, é uma condição elementar, mas fundamental: o que faz falta é *necessitar* dela.

Entretanto, há diversas formas de necessidade. Se alguém me obriga inexoravelmente a fazer algo, eu o farei necessariamente e, contudo, a necessidade desse meu fazer não é minha, não surgiu em mim, pois me foi imposta desde fora. Eu sinto, por exemplo, a necessidade de passear; e esta necessidade é minha, brota em mim — o que não quer dizer que seja um capricho ou um gosto, não; sendo uma necessidade, tem um caráter de imposição e não se origina no meu arbítrio, mas me é imposta desde dentro do meu ser; eu a sinto, com efeito, como uma necessidade *minha*. Mas quando saio para passear e o guarda de trânsito me obriga a seguir numa determinada direção, encontro-me com outra necessidade, que já não é minha, mas que me é imposta do exterior, e diante disso o máximo que posso fazer é refletir e me convencer de suas vantagens, e em vista disso aceitá-la. Mas aceitar uma necessidade, reconhecê-la, não é senti-la, senti-la imediatamente como uma necessidade minha — é mais uma necessidade das coisas, que delas me chega, forasteira, estranha a mim. Nós a chamaremos de necessidade mediata, em oposição à imediata, a qual eu sinto, de fato, como

tal necessidade, nascida em mim, com suas raízes em mim, inata, autóctone, autêntica.

Há uma expressão de São Francisco de Assis onde ambas as formas de necessidade aparecem sutilmente contrapostas. São Francisco costumava dizer: “Necessito de pouco, e desse pouco necessito muito pouco”. Na primeira parte da frase, São Francisco alude às necessidades exteriores ou mediatas; na segunda, às íntimas, autênticas e imediatas. São Francisco necessitava, como todo ser vivo, comer para viver, mas nele essa necessidade exterior era muito escassa — isto é, materialmente ele necessitava comer muito pouco para viver. Mas, além disso, sua atitude íntima era de não sentir uma grande necessidade de viver; sentia muito pouco apego efetivo à vida e, conseqüentemente, sentia muito pouca necessidade íntima da necessidade externa de comer.

Pois bem: quando o homem se vê obrigado a aceitar uma necessidade externa, mediata, encontra-se numa situação equívoca, bivalente, porque equivale à sugestão de que faça sua — “aceitar” quer dizer isto — uma necessidade que não é sua. Ele tem, querendo ou não, de se comportar *como* se fosse sua; ele é, portanto, convocado a uma fleção, a uma falsidade. E ainda que o homem ponha toda a sua boa vontade a serviço de senti-la como sua, não quer dizer que o consiga, o que nem sequer é provável.

Feito esse esclarecimento, vejamos qual é a situação normal do homem chamada “estudar”, usando esta palavra sobretudo no sentido que tem enquan-

to estudo do estudante — ou, em outras palavras, perguntemo-nos o que é o estudante enquanto tal. E acontece que nos deparamos com algo tão estupefaciente quanto a escandalosa frase com a qual iniciei o curso. Deparamo-nos com o fato de que o estudante é um ser humano, masculino ou feminino, ao qual a vida impõe a necessidade de estudar as ciências das quais ele não sentiu imediata, autêntica necessidade. Se deixarmos de lado os casos excepcionais, reconheceremos que no melhor dos casos o estudante sente uma necessidade sincera, porém vaga, de estudar “algo”, assim *in genere*, de “saber”, de instruir-se. Mas a vagueza desse desejo evidencia sua escassa autenticidade. É evidente que um tal estado de espírito jamais levou à criação de um saber — porque este é sempre concreto, é saber precisamente isto ou precisamente aquilo, e segundo a lei que eu insinuava há pouco, da funcionalidade entre buscar e encontrar; entre necessidade e satisfação, os que criaram um saber o fizeram porque sentiram, não o vago afã de saber, mas o concretíssimo afã de averiguar tal coisa determinada.

Isso revela que, mesmo no melhor dos casos — e repito, salvas as exceções —, o desejo de saber que o bom estudante possa sentir é completamente heterogêneo, talvez antagonístico ao estado de espírito que levou à criação do saber mesmo. Porque a situação do estudante perante a ciência é oposta àquela em que estava o seu criador. E, com efeito, a ciência não existe antes de seu criador. Ele não a encontrou primeiro e

depois sentiu a necessidade de possuí-la, mas primeiro sentiu uma necessidade vital e não-científica, e esta o levou a buscar sua satisfação; encontrando-a em certas idéias, destas resultou a ciência.

Ao contrário, o estudante se encontra, desde logo, com a ciência pronta, como uma cordilheira que se levanta diante dele e impede seu caminho vital. No melhor dos casos, repito, a cordilheira da ciência o agrada, o atrai, parece-lhe bonita, promete-lhe triunfos na vida. Mas nada disso tem a ver com a necessidade autêntica que leva a criar a ciência. A prova disso está no fato de esse desejo geral de saber ser incapaz de se concretizar por si mesmo no desejo estrito de um saber determinado. Além disso, repito, não é um desejo o que leva propriamente ao saber, mas uma necessidade. O desejo não existe se previamente não existe a coisa desejada, seja na realidade, seja, pelo menos, na imaginação. O que ainda não existe de fato, não pode provocar o desejo. Nossos desejos dispararam-se no contato com o que já está aí. A necessidade autêntica, ao contrário, existe sem que tenha de preexistir, nem mesmo na imaginação, aquilo que poderia satisfazê-la. Necessita-se precisamente daquilo que não se tem, do que falta, daquilo que não há, e a necessidade é mais estritamente tal precisamente quanto menos se tenha, quanto menos haja aquilo de que se necessita.

Para ver isso com plena clareza não é preciso sair do nosso tema: basta compararmos o modo com que se aproxima de uma ciência pronta quem vai

estudá-la e quem sente autêntica, sincera necessidade dela. Aquelle tenderá a não questionar o conteúdo da ciência, a não criticá-la: ao contrário, tenderá a se confortar pensando que esse conteúdo da ciência pronta tem um valor definitivo, que é a pura verdade. O que ele busca é simplesmente assimilá-la tal e como já está aí. O necessitado de uma ciência, por sua vez — aquelle que sente a profunda necessidade da verdade —, se aproximará com cautela do saber já pronto, cheio de suspicácia, submetendo-o a crítica, partindo quase de um preconceito de que não é verdade o que livro sustenta; em suma, precisamente porque necessita do saber com radical angústia, pensará que ainda não o encontrou, e procurará desfazer aquilo que se apresenta como pronto. Homens assim são os que constantemente corrigem, renovam, recriam a ciência.

Mas isso não é o que significa, em seu sentido normal, o estudar e o estudante. Se a ciência ainda não estivesse aí, o bom estudante não sentiria necessidade dela, ou seja, não seria um estudante. Portanto, trata-se de uma necessidade externa que lhe é imposta. Ao colocar o homem nessa situação de estudante se o obriga a fazer algo falso, a fingir que sente uma necessidade que não sente.

Mas a isso podem ser feitas algumas objeções. Dir-se-á, por exemplo, que há estudantes que sentem profundamente a necessidade de resolver certos problemas constitutivos de tal ou qual ciência. De certo existem, mas é insincero chamá-los de

estudantes. É insincero e injusto. Porque se trata de casos excepcionais, de criaturas que, ainda que não houvesse estudos nem ciência, melhor ou pior, por si mesmos e sozinhos, a inventariam, e dedicariam, por inexorável vocação, seu esforço a investigá-la. Mas e os outros? A imensa e normal maioria? Estes, e não aqueles poucos venturosos, estes são os que realizam o verdadeiro sentido — e não o utópico — das palavras “estudar” e “estudante”. É com estes que se é injusto ao não reconhecê-los como os verdadeiros estudantes e a não se colocar subordinado a eles o problema do que é estudar como forma e tipo de fazer humano.

É um imperativo do nosso tempo, cujas graves razões exporei outro dia neste curso, obrigá-nos a pensar as coisas em seu desnudo, efetivo e dramático ser. É a única maneira de verdadeiramente nos depararmos com elas. Seria encantador se ser estudante significasse sentir uma vivacíssima urgência por este, e por outro, e por outro saber. Mas a verdade é estritamente o contrário: ser estudante é o homem se ver obrigado a interessar-se diretamente pelo que não lhe interessa ou, no máximo, pelo que lhe interessa apenas vaga, genérica e indiretamente.

A outra objeção que me poderia ser feita é recordar o fato indiscutível de que os gatos ou gatas têm sincera curiosidade e peculiares interesses. O estudante não o é “em geral”, mas estuda ciências ou letras, e isso supõe uma predeterminação de seu espírito, uma apetência menos vaga e não imposta de fora.

No século XIX se deu demasiada importância à curiosidade e às afeições, quiseram fundar nelas coisas demasiado graves, quer dizer, demasiado pesadas para que entidades tão pouco sérias como aquelas pudessem sustentá-las.

Este vocábulo, “curiosidade”, como tantos outros, tem duplo sentido: um deles primário e substancial, e outro pejorativo e insultuoso, assim como a palavra “aficionado”, que significa aquele que ama algo verdadeiramente, mas também aquele que é *apenas* um amador. O sentido próprio da palavra “curiosidade” brota da raiz de uma palavra latina (para a qual Heidegger chamou a atenção recentemente), *cura*, os cuidados, as coisas, o que eu chamo de “preocupação”. De *cura* vem “curiosidade”. Daqui que em nossa linguagem vulgar um homem curioso seja um homem cuidadoso, ou seja, um homem que faz com atenção e extremo rigor e esmero o que tem de fazer, que não se despreocupa daquilo que o ocupa, mas, ao contrário, se preocupa com sua ocupação. No antigo espanhol “cuidar” ainda era preocupar-se, *curare*. Esse sentido originário de *cura* ou cuidados sobrevive em nossas expressões vigentes “curador”, “procurador”, “procurar”, “curar”; e na própria palavra “cura”, que se ligou ao sacerdote porque este cuida das almas. Curiosidade é, portanto, cuidado, preocupação. Vice-versa, *incuria* é descuido, despreocupação; e segurança, *securitas*, é ausência de cuidados e preocupações.

Por exemplo, se eu procuro minhas chaves é porque me preocupo com elas, e se me preocupo com

elas é porque tenho necessidade de fazer algo, de ocupar-me.

Quando esse preocupar-se é exercido mecanicamente, insinceramente, sem motivo suficiente, e degenera em ansiedade, temos um vício humano que consiste em fingir cuidado pelo que não nos preocupa de verdade, num falso preocupar-se com coisas que não vão de fato nos ocupar; portanto, em ser incapaz de autêntica preocupação. E é isso que significam pejorativamente empregadas as palavras “curiosidade” e “ser um curioso”.

Quando se diz, pois, que a curiosidade nos leva à ciência, das duas uma: ou nos referimos àquela sincera preocupação com ela, que não é senão o que eu chamei antes de “necessidade imediata e autêntica” — a qual reconhecemos que não costuma ser sentida pelo estudante —, ou nos referimos à curiosidade frívola, à ansiedade de meter o nariz em todas as coisas, e isto não creio que possa servir para tornar o homem um cientista.

Essas objeções são, portanto, vãs. Não façamos idealizações da áspera realidade, beatrices que nos induzem a debilitar, nublar, adocicar os problemas, a amortecer o seu golpe? O fato é que o estudante típico é um homem que não sente necessidade direta da ciência, preocupação com ela, e, contudo, se vê forçado a ocupar-se dela. Isso já significa a falsidade geral do estudar. Mas logo vem a concreção, quase

2 “A ponerles bolas en los cuernos”. — NT

perversa de tão miraculosa, dessa falsidade, porque não se obriga um estudante a estudar em geral, e ele se depara, querendo ou não, com o estudo dissociado em *carreiras* especiais, e cada carreira constituída por disciplinas singulares, por tal ou qual ciência. Quem pretende que o jovem sinta efetiva necessidade, num certo ano de sua vida, por tal ciência que os homens antecessores tiveram gana de inventar?

Assim, do que foi uma necessidade tão autêntica e vivaz, à qual alguns homens — os criadores da ciência — dedicaram sua vida inteira, faz-se uma necessidade morta e uma atividade falsa. Não criemos ilusões: nesse estado de espírito não se pode chegar a saber o saber humano. Estudiar é, pois, algo constitutivamente contraditório e falso. O estudante é uma falsificação do homem. Porque o homem é propriamente apenas aquilo que é autenticamente, por íntima e inexorável necessidade. Ser homem não é ser, ou, o que é dizer o mesmo, fazer qualquer coisa, mas ser o que irremediavelmente se é. E há os modos mais distintos entre si de ser homem, e todos eles igualmente autênticos. O homem pode ser homem de ciência, ou homem de negócios, ou homem político, ou homem religioso, porque todas essas coisas são, como veremos, necessidades constitutivas e imediatas da condição humana. Mas o homem por si mesmo jamais seria estudante, como o homem por si mesmo jamais seria pagador de impostos. Ele *tem* de pagar impostos, *tem* de estudar, mas não é nem contribuinte nem estudante. Ser estudante, como ser

pagador de impostos, é algo “artificial” que o homem se vê obrigado a ser.

Isso, que a princípio pode parecer estupefaciente, é a tragédia constitutiva da pedagogia, e desse paradoxo tão cruel deve surgir, a meu ver, a reforma da educação.

E por ser a atividade mesma, o fazer que a pedagogia regula e que chamamos de “estudar”, algo humanamente falso, acontece o que não se costuma destacar tanto quanto se deveria, a saber, que em nenhuma ordem da vida é tão constante, habitual e tolerada a falsidade como no ensino. Eu sei que há também uma falsa justiça, isto é, que se cometem abusos nos julgamentos e audiências. Mas pondere cada um de vocês que me escutam, a partir de sua experiência, se não nos dariamos por muito contentes se existissem, na eferividade do ensino, menos insuficiências, falsidades e abusos do que padecemos na ordem jurídica. O que ali se considerava abuso intolerável — que não se faça justiça — corresponde quase ao normal do ensino: que o estudante não estude, e que, se estuda, dando o melhor de si, não aprenda; e é claro que, se o estudante, seja pela razão que for, não aprende, o professor não poderá dizer que ensina, mas, no máximo, que tenta, mas não consegue ensinar.

Entretanto amontoa-se gigantescamente, geração após geração, o pavoroso aglomerado dos saberes humanos que o estudante tem de assimilar, de estudar. E conforme o saber aumenta, se enriqueça e

especialize, mais longe ele estará de sentir, imediata e autenticamente, a necessidade dele. Ou seja, haverá cada vez menos congruência entre o triste fazer humano que é estudar e o admirável fazer humano que é o verdadeiro saber. E a isso acrescerá a terrível dissociação que, há um século pelo menos, teve início entre a cultura vivaz, entre o autêntico saber e o homem médio. Porque, como a cultura ou o saber não têm mais realidade que responder e satisfazer numa ou noutra medida as necessidades efetivamente sentidas, e o modo de transmitir a cultura é o estudar, o qual não é sentir essas necessidades, temos que a cultura ou o saber vai ficando no ar, sem raízes de sinceridade no homem médio, a quem se obriga a ingurgitá-lo, a engoli-lo. Ou seja, introduz-se na mente humana um corpo estranho, um repertório de idéias inassimiláveis, ou, o que é dizer o mesmo, mortas. Essa cultura desenraizada do homem, que não brota dele espontaneamente, carece de autotonia, de indigenato — é algo imposto, extrínseco, estranho, estrangeiro, ininteligível —, em suma, irreal. Por sob a cultura recebida, mas não autenticamente assimilada, o homem permanecerá intacto, ou seja, inculco; ou seja, um bárbaro. Quando o saber era mais breve, mais elementar e mais orgânico, estava mais próximo de poder ser verdadeiramente sentido pelo homem médio, que então o assimilava, recriava e revivificava dentro de si. Assim se explica o paradoxo colossal destas décadas: que um gigantesco progresso da cultura tenha produzido um tipo de

homem como o atual, indiscutivelmente mais bárbaro que o de cem anos atrás. E que a aculturação ou o acúmulo de cultura produza, de forma paradoxal, mas automática, uma rebarbarização da humanidade.

Vocês compreenderão que não se resolve o problema dizendo: “Bem, então, se estudar é uma falsificação do homem, que ademais leva ou pode levar a tais conseqüências, que não se estude!”. Dizer isso não seria resolver o problema: seria simplesmente ignorá-lo. Estudar e ser estudante é sempre, e sobretudo hoje, uma necessidade inexorável do homem. Este tem, querendo ou não, de assimilar o saber acumulado, sob pena de sucumbir individual ou coletivamente. Se uma geração deixasse de estudar, a humanidade atual, em suas nove décimas partes, morreria fulminantemente. O número de homens que vivem hoje só pode subsistir graças à técnica superior de aproveitamento do planeta que as ciências possibilitam. As técnicas podem ser ensinadas mecanicamente. Mas as técnicas advêm do saber, e se este não pode ser ensinado, chegará uma hora em que também as técnicas sucumbirão.

Portanto, é preciso estudar; e isso, repito, é uma necessidade do homem — mas uma necessidade externa, mediata, como o é virar àquela direita que me aponta o guarda de trânsito quando preciso passar. Mas há entre ambas essas necessidades externas — estudar e virar à direita — uma diferença essencial, que converte o estudo num problema substantivo. Para que o trânsito funcione perfeitamente não é

necessário que eu sinta intimamente a necessidade de virar à direita: basta que eu de fato caminhe nessa direção; basta que eu a aceite, que eu finja senti-la. Mas com o estudo não acontece o mesmo; para que eu entenda de verdade uma ciência não basta que eu finja em mim a necessidade dela ou, dito de outro modo, não basta que eu tenha vontade de aceitá-la; enfim, não basta que eu estude. É preciso, além disso, que eu sinta autenticamente sua necessidade, que me preocupem espontânea e verdadeiramente suas questões; só assim entenderei as soluções que ela dá ou pretende dar a essas questões. Não se pode entender uma resposta quando não se sentiu a pergunta à qual ela responde.

O caso do estudar é, pois, diferente do caso de virar à direita. Neste é suficiente que eu o exerça bem para que renda o efeito desejado. Naquele, não; não basta que eu seja um bom estudante para que logre assimilar a ciência. Temos nele, portanto, um fazer do homem que se nega a si mesmo: é ao mesmo tempo necessário e inútil. É preciso fazê-lo para lograr um certo fim, mas resulta que não se o logra. Por isso, porque as duas coisas são verdade ao mesmo tempo — sua necessidade e sua inutilidade — o estudar é um problema. Um problema é sempre uma contradição que a inteligência encontra diante de si, que a puxa em duas direções opostas e ameaça rasgá-la.

A solução de um problema tão cru e bicornio se depreende de tudo o que foi dito: não consiste em decretar que não se estude, mas em reformar

profundamente esse fazer humano que é o estudar e, conseqüentemente, o ser do estudante. Para isso é preciso virar do avesso o ensino e dizer: ensinar não é primária e fundamentalmente senão ensinar a *necessidade* de uma ciência, e não *ensinar a ciência* cuja necessidade seja impossível de fazer o estudante sentir.

Mas talvez algum de vocês esteja se perguntando: o que tudo isso tem a ver com um curso de metafísica? Eu espero — e com isto eu comeei — que durante este curso vocês entendam não só que o que foi dito tem a ver com a metafísica, mas também que já estamos nela. Por ora, demos uma justificativa mais clara para ter começado assim antecipando uma primeira definição da metafísica, aparentemente a mais modesta, a qual ninguém se atreverá a invadir: digamos que metafísica é algo que o homem faz; alguns homens, pelo menos; depois veremos se não são todos, ainda que não se dêem conta. Mas essa definição não nos basta, porque o homem faz muitas coisas e não apenas metafísicas; mais ainda, o homem é um incessante, incluível e puro fazer. Faz sua fazenda, faz política, faz indústria, faz versos, faz ciência, faz paciência; e quando parece que não faz nada é porque espera, e esperar, sua experiência o confirma, é às vezes um terrível e angustioso fazer: é fazer tempo; e o que nem sequer espera, o que verdadeiramente não faz nada, o *faitnéant*, este faz o nada, ou seja, sustenta e supporta o nada de si mesmo, o terrível vazio vital que chamamos de *tédio*, *spleen*,

deseperero. Quem não espera, desespera; um fazer tão horrível, que carece de um esforço tão feroz a ponto de ser um dos que o homem menos pode agüentar; e que costuma levá-lo a fazer o efetivo e absoluto nada, a aniquilar-se, suicidar-se.

Em meio a tão variado, tão omnímido fazer, como reconheceremos o peculiarmente metafísico? Para isso terei de antecipar uma segunda definição mais determinada: o homem faz metafísica quando busca uma orientação radical em sua situação.

Mas qual é a situação do homem? Este não se encontra somente em uma, mas em muitas situações distintas; por exemplo, vocês se encontram agora em uma, casualmente na de se pôr a estudar metafísica, como há duas horas se encontravam em outra, e amanhã em outra. Entretanto, todas essas situações, por diferentes que sejam, coincidem todas em serem porções da vida de vocês. Portanto a vida do homem se compõe de situações, como a matéria se compõe de átomos. Sempre que se vive, vive-se numa determinada situação. Mas é evidente que, ao serem todas situações vitais, por mais distintas que sejam, há nelas uma estrutura elementar, fundamental, que as faz, todas, situações do homem. Essa estrutura genérica é o que elas têm essencialmente de vida humana. Ou, dito de outra forma, quaisquer que sejam os ingredientes variáveis que formem a situação em que eu me encontre, é evidente que essa situação será um viver. Portanto, *a* situação do homem é a vida, é viver.

E dizemos que a metafísica consiste em o homem buscar uma orientação radical em sua situação. Mas isso supõe que a situação do homem — isto é, sua vida — consiste numa radical desorientação. Não dizemos, pois, que o homem, dentro de sua vida, se encontre desorientado parcialmente nesta ou noutra ordem, em seus negócios ou em seu caminhar por uma paisagem, ou na política. Aquelle que se desorienta no campo busca um mapa ou uma bússola, ou pergunta a um transeunte, e isso lhe basta para se orientar. Mas nossa definição pressupõe uma desorientação total, radical; ou seja, não que aconteça ao homem de se desorientar, de se perder em sua vida, mas sim que a situação do homem, a vida, *é* desorientação, é estar perdido — e por isso existe a metafísica.